

## ***O Homem Conservador***

**Tiago patrício**

O Homem Conservador tinha um estabelecimento famoso numa zona nobre da cidade, mantido desde há várias gerações na mesma família. Consistia numa loja situada no rés-do-chão de um edifício neoclássico, com vários artigos expostos, literatura especializada e algumas demonstrações práticas que duas funcionárias experientes levavam a cabo durante o dia.

No primeiro andar ficava o consultório onde o Homem Conservador exercia as suas funções que o tornaram conhecido na cidade e bastante odiado por uma parte significativa da sociedade que nunca lhe perdoou a longevidade.

O Homem Conservador só trabalhava a partir da hora do jantar, uma cerimónia íntima, composta por uma ementa variada e escolhida com bastante antecedência pelo cliente e destinada auscultar-lhe a fisiologia.

O Homem Conservador mantinha-se atento à quantidade de sal e especiarias adicionadas, à forma de usar os talheres e se mastigava a um ritmo constante.

A seguir indicava-lhe a sala de fumo e deixava-o passar à frente para lhe estudar os movimentos, a forma como se sentava e a atenção dispensada aos objectos ou ao atrito do ar, a quantidade de açúcar no café e se possuía ou não um bronzado fora de época.

Oferecia-lhe diferentes gamas de tabacos, punha o bar à disposição dele e observava atentamente a variação do nível de confiança, o tipo de bebidas, a quantidade de gelo que adicionava e a forma como lidava com as extremidades do corpo e do discurso.

Depois colocava-o face a uma certa quantidade de silêncio e aguardava a digestão dessa fatia súbita de espaço invisível à volta dele antes de entrar na fase decisiva da consulta. Aproximava o olhar neutro do rosto do cliente e perguntava-lhe se tinha a certeza de querer levar o tratamento por diante.

Depois conduzia-o para o plano económico, através de perguntas sobre a área de negócios em que se movia, os sítios por onde tinha viajado em trabalho ou em férias, o estado civil e se detinha participações numa certa empresa que nessa altura apresentasse um nível de queda acentuado nos mercados de valores.

Na fase final, para testar a propensão para o sono fácil, perguntava pelos gostos musicais do cliente e apontava para a estante com o aparelho de estereofonia e os discos antigos, enquanto registava as últimas notas no boletim de aconselhamento, onde constariam as etapas de conservação, que entregaria ao cliente num envelope com o seu brasão familiar.

O cliente ficava de voltar daí a duas semanas e depois uma vez por mês até o processo de conservação se consumir e chegar a um estado de estabilização, que poderia variar entre o meio século e um milénio em casos especiais de força de vontade.

O Homem Conservador atendia duas a três pessoas por semana, de idades que variavam entre os 30 e os 70 anos e que pretendiam ser conservadas, nem sempre pelas razões mais aceitáveis, mas quase todas ignoravam que certos hábitos comuns do quotidiano, quando exercidos com uma certa minúcia e pontualidade, poderiam contribuir para a conservação do corpo.

Por vezes a substância escolhida ou o mecanismo de tratamento não funcionavam correctamente, devido a falhas do paciente ou do próprio Conservador durante o processo de observação e análise psicológica e de hábitos diários. Nessas alturas podia ser feito um reajuste ou então rever todo o processo, o que podia desencadear reacções adversas graves e comprometer o sucesso da operação.

Muitos dos candidatos à conservação que não progrediam de forma visível nos primeiros meses, acabavam por desistir e passarem para o grupo de opositores ao sistema defendido pelo Homem Conservador, que moviam esforços de modo a exigir a suspensão da sua actividade e a posterior expulsão da cidade.

Para profissionais menos atentos na área, os erros podiam ser mínimos ou menosprezáveis, como no caso de conservação pelo álcool, em que a escolha da bebida alcoólica e da marca eram fundamentais, tal como a quantidade e as horas precisas às quais eram ingeridas. No caso da fumagem era mais complexo, devido à exposição ocupacional e mesmo que o candidato escolhesse uma certa variedade de cigarrilhas ou tabaco refinado, havia sempre o problema das pessoas que fumavam cigarros vulgares e da poluição automóvel em redor, que provocavam alterações mais ou menos reversíveis.

Depois havia questões familiares ou profissionais que punham em causa os longos meses de tratamento meticuloso. Aqueles que escolhiam o sal ou o açúcar tinham o problemas das refeições fora de casa e da aceitação dos familiares, que boicotavam por vezes o tratamento às refeições, porque não compreendiam e queriam evitar um certo sofrimento que observavam pelo excesso de salinidade que ascendia ao nível do pensamento e do discurso.

O processo de conservação pelo Sol implicava alguma disciplina pelas horas de submissão ao solário e pela permanência em terraços e esplanadas discretas durante várias horas.

Aqueles que tinham mais afinidade em ser conservados pelo método do frio necessitavam sempre de uma ajuda externa, tal como aqueles a quem era prescrita a pasteurização para os tratamentos de choque a que eram submetidos várias vezes ao dia.

Por isso o Homem Conservador sabia que o alto preço que impunha aos tratamentos não eram apenas uma forma de seleccionar os seus clientes, mas um requisito essencial ao

sucesso das suas práticas. Havia porém uma excepção a estes métodos bastante dispendiosos, desagradáveis e até excessivos durante a fase inicial de habituação. Era uma forma simples e económica, mas raramente indicada, por não encontrar sinais de uma certa frequência neurológica no córtex superior dos seus clientes, que demonstrasse uma certa familiaridade para a contemplação.

Era um método que ele próprio usava há muito tempo para se conservar face ao modelo de vida semibreve e era sempre com melancolia que descartava esta hipótese, por não encontrar um grau de disponibilidade para reservar certos momentos diários, que se tornariam horas e depois todo o tempo da vigília e do sono, ao método da meditação transcendental.

Mas o Homem Conservador começava a sentir certas falhas no seu caso pessoal de conservação, uma espécie de patogénese metafísica e por isso sentia necessidade de alargar a diversidade do método a um grupo considerável de pessoas da cidade, de forma a aprofundar inovações no antigo método que revelava as primeiras falhas face ao envelhecimento magnético do corpo em direcção à terra.

\*Vencedor do Prémio Daniel Faria 2009. Participou na Residência de Criação Literária em Praga, Novembro 2007 promovida pelo Clube Português de Artes e Ideias e pela Linhart Foundation. Seleccionado para a Mostra Jovens Criadores 2007 e Mostra Jovens Criadores 2008 na categoria de Literatura, integrou as colectâneas "*Jovens Escritores*" do Clube Português de Artes e Ideias. Vencedor da II Edição do Prémio Nacional de Conto Trindade Coelho. Foi Editor Fundador da publicação "*Ultra-Violeta*" da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa onde se licenciou. Integrou o grupo de jornalismo e o grupo de imagem do jornal universitário "*Os fazedores de letras*". Fez e produziu teatro desde 2000 no Grupo de Teatro de Farmácia, no grupo de teatro Com-Siso e no grupo de teatro de Letras (GTL).

